EXPEDIENTE.

—Como dedicámos todo o nosso numero anterior a assumptos religiosos, não fizemos o respectivo expediente, que hoje incluimos no deste numero

—Agradecemos aos distinctos escriptores, que annuindo aos nossos rogos, se dignaram honrar a Revista com os seus nomes, em um dia, em que nós a desejámos adornar com as mais preciosas galas, que nos podessem ministrar.

—Recebemos as cartas, com que nos honrou o Exm.° Sr. José Silvestre Ribeiro. Ficámos penhorados pelas expressões que S. Ex.ª nos dirigiu, e oxalá que para os merecer os nossos bons desejos tivessem feito alguma coisa a favor da Administração Publica, porque tanto nos interessamos. Estimamos muito a remessa dos documentos que acompanharam as cartas, e brevemente nos utilisaremos de tam valiosos auxiliares para desempenharmos a missão que acceitámos com a redação deste jornal.

—A carta com que o Sr. João Alberto Rodrigues da Costa, nos honrou, e os esclarecimentos que a acompanham, são para nós prova inconstestavel de que foi muí diminuto o louvor que já em outro numero tributámos ao zelo extraordinario e acertada intelligencia do fundador do Monte-Pio Philarmonico.

—Guardaremos como uma subida recompensa dos nossos esforços, para auxiliar tudo quanto possa concorrer para prosperidade da nossa patria, a mui delicada carta com que a Direcção da Sociedade do Monte-Pio Geral julgou dever agradecer o que escrevemos, ácerca de tam util instituição.

—Agradecemos ao Sr. Sabino Antonio Primo de Lara não só as expressões contidas na sua carta de 16 do corrente, mas tambem a remessa da Lista dos Quadros da Bemposta, que hoje começamos a publicar.

—Recebemos a carta em que o Sr. J. Carlos Massa nos offerece a sua collaboração, bem como a poesia de que veio acompanhada, a qual será publicada logo que seja possivel.

—Accusando a recepção da mui interessante e judiciosa carta do Sr. Padre Joaquim Gomes Duque, pedimos-lhe desculpa de ainda não ter podido aproveitar as suas anteriores, o que faremos mui proximamente.

—O artigo sobre os Concilios Geraes que teem havido na Igreja Catholica será publicado.

—Tambem será publicado o que se refere a Obras Municipaes.

—Ficamos esperando pelas noticias estatisticas, que o nosso Correspondente de Béja teve a bondade de nos prometter.

—O artigo do Sr. F. C. não cabe no programma deste Jornal.

Publicações recebidas. — A *Lyra*, jornal de poesias, publicado no Porto, n.° 1 e 2.

Jornal dos Facultativos Militares, n.° 51.

Revista Popular, n.os 7 e 8.

O *Madeirense*, n.os 40 a 48.

Gazeta Medica do Porto, n.° 150.

Jornal da Sociedade Catholica, n.° 5.

O *Pharol*, n.os 4 e 5.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica, n.° 4 do tomo V.

CONHECIMENTOS UTEIS.

OS QUADROS DA BEMPOSTA E A POSSIBILIDADE DE ORGANISAR EM LISBOA UM MUZEU NACIONAL.

360 Os Jornaes annunciaram ha dias a exposição dos tão fallados quadros, pertencentes ao espolio de S. M. a Sr.ª D. Carlota Joaquina, como preliminar da venda que deve começar no dia 23 de Maio.

A nossa voz foi a primeira, que se levantou em 1844, lembrando ao Governo e ás Côrtes, que a sahida destes quadros da nossa terra seria mais uma pagina triste e vergonhosa na historia da epocha em que vivemos. Logo em o n.° 2 da Revista, pertencente ao presente volume, e que foi o segundo da nossa redacção, não só repetimos o que em 1844 haviamos escripto no *Panorama* a esse respeito, mas ampliámos mais o que sobre as avaliações tinhamos dito, e mui de leve tratámos da conveniencia de começar a cuidar em um Muzeu Nacional.

Agora que os annuncios da venda dessa rica collecção aparecem de novo, ainda mais uma vez chamaremos sobre este ponto a attenção publica.

Embora a nossa voz se erga no deserto. Os quadros podem sahir a barra para se juntarem a tantos outros primores d'arte, de que estamos despojados pela nossa incuria; ahi ficará um protesto solemne, de que alguem houve que se interessou pela gloria da patria e pela sua honra.

Quando o estrangeiro entra em Lisboa, e pergunta pela Galleria ou Muzeu em que possa examinar, não só alguns quadros de artistas nacionaes, mas tambem alguns outros que provem como em Portugal se prezam as Bellas Artes, ninguem lhe sabe responder.

É verdade que nos claustros humidos e sombrios de S. Francisco existem alguns quadros, que por milagre se salvaram do naufragio em que se submergiram as mais avultadas riquezas dos Conventos.

É verdade que em alguns palacios, e Edificios publicos existem ignorados ou em abandono alguns quadros que ficariam bem em uma *Galleria Publica*. ¿ Mas onde estão as discripções ou a simples indicação se quer de taes quadros?

O Porto, segunda cidade do Reino, póde neste ponto olhar com despeito para a Capital. O pouco ou muito que possuia nesta materia, lá o reuniu no seu *Muzeu*, que ao menos é um local apropriado onde se podem reunir os quadros, para serem admirados com a luz que lhes é propria.

Um Muzeu de Bellas Artes é um indicio de civilisação além de ser muitas vezes um padrão de gloria. Todas as nações pensam deste modo. Julgamos inutil demonstrar o que ninguem em Portugal ousará negar.

A Academia das Bellas Artes, sem uma Galleria devidamente organisada, é uma coisa que se não póde classificar. Os seus fins, o pensamento que lhe deu origem, tudo fica concentrado no titulo, sem que dahi passe para o dominio dos factos.

A necessidade de um Muzeu Nacional não é contestada, nem a conveniencia que haveria de comprar o Governo os quadros que estão na Bemposta, para que juntamente com outros que o Estado já possue, servissem de nucleo ao Muzeu.

Havia um sentimento unanime em todas as pessoas que concorreram á exposição de que fallamos. Por todas as salas se ouviam evidentes provas do quanto se dezejava que os quadros ficassem no paiz.

Dez contos de réis bastavam para que tantos dezejos se cumprissem.

Quem dirá que é muito dez contos de réis, para um paiz que tem dissipado aos centos de contos, e que ainda ha pouco dispendeu 300 com um Theatro, que lhe podia ter custado 100, — que dá annualmente 24 contos de réis a um Emprezario, para que haja Theatro Italiano, mas que não lhe importa que as inspirações dos grandes compositores se troquem pelo rufar de tambor de M. Chevalier; nem tão pouco de que em logar de primeiras damas, se lhe aprezente um tocador de marimbas, e um professor de gymnastica! Em um paiz onde o dinheiro se fiscalisa assim, custa a crêr como se levante opposição ao despendio de 10 contos que se não gastam inutilmente!...

Bastava reduzir a metade uma das epochas do Theatro Italiano, para que o Thesouro não fizesse sacrificio com a compra. Muitos outros alvitres se podiam propor dos quaes resultaria, que os quadros se podiam comprar com vantagem. Talvez conviesse que o Governo nomeasse quanto antes uma commissão, mas das que trabalham, para cuidar da compra e meios de a realisar, bem como para lhe propor os meios de organisar um Muzeu Nacional com regulamentos proprios, não só para se poderem ahi examinar os quadros pertencentes ao Estado, mas tambem os que fossem de particulares que os quizessem expor ao publico. A Igreja do Carmo, com pouca despeza, se podia adequar perfeitamente ao intento.

Antes de tudo, o mais essencial era comprar os quadros. — Propomos a compra de todos porque estando as avaliações muito baixas e irregulares, o Governo fazia boa compra pagando o preço total das avaliações; e não terá competidor neste lance: quando se quizer fazer a compra provavelmente ha-de haver muitos quadros que na praça subirão muito de preço. Com estas observações não profundamos a questão das avaliações, pois que, como já dissemos n'outro artigo, sendo uma questão de interesse particular, é para nós uma questão finda.

O nosso fim é provar — que o estado faz uma boa compra, e para isto basta notar que em geral a avaliação está feita do modo seguinte: — Vem na avaliação um quadro de Téniers avaliado em 4$800. Não querendo nós duvidar da authencidade do quadro, á vista do testemunho dos avaliadores, observaremos que entre as notas que possuimos de muitos quadros vendidos em varias épochas, encontramos o seguinte: — Em França, no anno de 1844, na rua de Jeûneurs, quando se vendeu uma celebre collecção de pintura pertencente a M. P. Perier, um quadro de Téniers — Os Segadores — que estava completamente desfigurado pelos *retoques*, foi vendido por 584$000 reis. Isto é, por mais do que o valor dado aos quadros da Bemposta, que os avaliadores attribuiram a Rafael, Guido, Guercino e outros pintores de grande nomeada; e a esculptura de Bernini — Christo adorado pelos anjos — a qual é certamente o mais rico primor de arte de toda a collecção.

Advertimos que esse quadro de Téniers estava completamente desfigurado pelos *restauradores*, porque um perfeito e bem conservado que havia nessa mesma collecção, representando — Uma Dança na Aldêa — foi vendido por 1.664$000 réis!!

Na presença destas e de outras ponderações, as Côrtes não deixarão de auxiliar o governo para que possa fazer tam valiosa acquisição. Apellamos para a sua illustração e para o seu patriotismo, a fim de que o oiro estrangeiro não venha comprar-nos estes restos do muito que nos deixaram, e que temos desbaratado.

A Relação dos quadros é um documento importante, não só para a questão artistica das avaliações, como para esclarecer o que sobre o assumpto temos escripto. Tornou-se rara não sabemos porque. Como recordação da venda mais importante de objectos de Bellas-Artes, que entre nós se tem feito; como documento artistico da nossa épocha; e como impresso desejado pela sua raridade, aqui a damos aos nossos leitores, sentindo que a sua extensão nos obrigasse a repartir por dois numeros do Jornal o que desejáramos publicar só em um.

Ficamos esperando que o Governo e as côrtes attendam ás justas reclamações, que tanto urgem, da compra desta collecção pelo baixo preço por que se vende.

RELAÇÃO DOS QUADROS PERTENCENTES Á HERANÇA DA IMPERATRIZ RAINHA A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON, HOJE EXISTENTES NO REAL PALACIO DA BEMPOSTA, QUE FORAM DESCRIPTOS E AVALIADOS PELOS SENHORES ANTONIO MANOEL DA FONSECA, LENTE DE PINTURA HISTORICA DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA, E LUIS TIRINNANZI, PINTOR RESTAURADOR DE QUADROS.

362

1	Um quadro de meia figura representando o Velho Pastor, por Pedro de Cortona, largura dois palmos e um quarto, altura dois e tres quartos, moldura doirada	30$000
2	Um dito pintado em panno representando um Cavalleiro antigo, meia figura, Escola Loilio, largura dois palmos e tres quartos, altura tres e quarto, moldura doirada. . . .	24$000
3	Um dito em panno, representando um Dezembargador, meia figura ao natural, pelo Cavalleiro Vellasques, largura dois palmos e tres quartos, altura tres e um quarto, moldura doirada.	50$000
4	Um dito em pano, representando o Banho de Diana, pelo Cavalleiro Delpino, largura dois palmos e um quarto, altura dois e tres quartos, moldura doirada.	24$000
5	Dois pequenos quadros pintados em taboa, representando o Philosopho Esopo, por Salvador Roza, e um dito representando Vulcano, ambos de diametro de palmo e meio, molduras correspondentes doiradas .	24$000
	Rs. . .	152$000

Transporte. . . 152$000

6 Um quadro redondo pintado em panno, representando um esponsalicio campestre, costume hespanhol, por Lonei, diametro, dois palmos, moldura doirada. . . . . 30$000

7 Dois quadros pintados em panno, representando um paiz e figuras, por um Escolar de Poussin, e um dito, dito e do mesmo Autor, largura dois palmos, e um e meio d'altura, moldura doirada. . . . . 19$200

8 Dois ditos em panno, representando um paiz, Auctor incognito, e outro dito do mesmo tamanho, largura palmo e meio e altura um palmo, molduras correspondentes doiradas. 4$800

9 Dois quadros pintados em panno, representando paizagem com figuras campestres, por um Escolar de Poussin, e outro dito do mesmo tamanho e auctor, largura dois palmos e um oitavo, e altura um palmo e um quarto . . . . . 14$400

10 Dois quadros pintados em panno, representando paizagem de João Baptista Bussirri ovados ao baixo, largura dois palmos, altura um e meio, molduras doiradas . . . . . 14$400

11 Dois ditos representando paizagem e figuras, pelo dito e as figuras de Placido Constansi, largura tres palmos e um quarto, altura dois e um quarto molduras doiradas . . . 30$000

12 Um dito pintado em panno, representando a cahida d'um raio, dois Pastores fugindo com os gados, original de Nicoláo de Poussin, largura seis palmos e um oitavo, e altura tres e um quarto, moldura doirada. 100$000

13 Um dito da mesma eschóla com figuras, fonte e lavadeiras, N. B. e as que estão em torno á fonte parecem tocadas pelo Auctor acima dito; e outro grupo copia do mesmo Autor, a dita medição e moldura. . 50$000

14 Um dito em panno representando as Cascatas do Tivoli junto a Roma em 1813, por Mr. Alovres, largura quatro palmos e um terço, altura tres, moldura doirada . . . . . 33$600

15 Um dito em panno, representando um Bosque, de Auctor incognito, largura seis palmos, e altura tres, moldura doirada . . . . . 12$000

16 Um desenho a lapis encarnado, cópia feita por Antonio da Silva Lopes, tirada de um quadro de Annibal Caracci, representando Venus e Vulcano, largura tres palmos e um oitavo, altura dois e dois terços, moldura e vidro . . . . . 2$400

17 Um quadro, representando El-Rei o

Rs. . . 512$800

Transporte. . . 512$800

Sr. D. João VI, auctor incognito, largura dois palmos e sete oitavos, altura tres e um terço, moldura doirada . . . . . 14$400

18 Dois ditos em panno, representando, um o Naufragio de um Navio, e o outro, Vista de um Porto de Mar, com uma rocha transfurada, figuras commerciaes e pescadores, representando a elevação do Sol anteposto a um nevoeiro, original de Horacio Vernet, largura seis palmos e um terço, altura tres e meio, molduras correspondentes. . . . . 576$000

19 Dois ditos em panno, representando uma Vista de Marinha de noite, eschóla franceza, largura tres palmos, altura dois e um oitavo . . . . 24$000

20 Um quadro em panno, representando uma vista de Mar, e um pôr de Sol anteposto ao Nevoeiro, Copia de horisonte, dois palmos e sete oitavos de largura, e dois de altura, moldura doirada . . . . . 9$600

21 Um dito em panno, representando Orpheu encantando os animaes com sua voz, paizagem original de Brugel, da sua maneira franca, largura dois palmos e um terço, altura um e meio, moldura doirada . . 120$000

22 Um quadro pintado em taboa, representando um paiz e figuras do facto Historico, Lot e duas filhas, largura um palmo e meio, altura um, moldura doirada . . . . . 1$600

23 Uma estampa com moldura doirada e vidro, representando Fernando VII a cavallo, desenhado por Thomas Lopes, largura dois palmos e dois terços, altura tres e um terço . . 9$600

24 Uma dita com moldura e vidro, representando o retrato do Duque de Wellington, largura um palmo e um terço, altura um e sete oitavos. . 1$200

25 Uma dita, dita, representando o Juramento de Viriato, desenhado por Vieira Junior, e gravada por Francisco Bartholozi, largura dois palmos e sete oitavos. . . . . 7$200

26 Uma dita, dita, representando S. A. R. o Sr. D. Pedro d'Alcantara, largura dois palmos, altura dois e um terço, moldura e vidro. . . . 4$800

27 Um quadro com moldura e vidro, representando uma caçada de Porcos bravos, feito á penna, largura dois palmos, altura um e um terço. . 4$800

28 Uma estampa dita, moldura doirada e vidro, representando a Sr.ª D. Izabel Maria Francisca de Bragança, Rainha d'Hespanha, largura um palmo e dois terços, altura dois

Rr. . . 1:286$000

Transporte. . . 1:286$000

palmos . . . . . 4$800

29 Uma dita com moldura e vidro, representando Fernando VII, largura um palmo e meio, altura um e dois terços . . . . . 4$800

30 Uma dita, dita, representando D. Carlos Maria, Infante d'Hespanha, largura um palmo e meio, altura um e dois terços . . . . . 4$800

31 Uma dita, dita, representa O Dezembarque de S. A. Real a Sr.ª D. Leopoldina, largura dois palmos, altura dois e dois terços . . . . 4$800

32 Uma dita, dita, representando a Real Familia d'Hespanha, largura dois palmos, altura dois e meio. . . 3$200

33 Uma dita, dita, representando Signaes Telegraphicos do Rio de Janeiro dito. 2$400

34 Um quadro em panno a óleo, representando Ullisses e Ector, eschola de Paulo Veronese, largura quatro palmos, altura dois, moldura doirada . . . . . 36$000

35 Um dito em panno, representando uma Imperatriz Alemãa, por Bronzino, largura quatro palmos e um terço, altura seis e um oitavo, moldura doirada . . . . . 120$000

36 Um dito em panno, representando uma copia da Escrava de Ticiano, largura quatro palmos e um quarto, altura quatro e dois terços, moldura doirada . . . . . 24$000

37 Um dito em panno, representando os dois Irmãos, corpo inteiro, eschola Veneziana, largura quatro palmos e um terço, altura seis e um oitavo, moldura doirada . . . . . 40$000

38 Um dito, dito, representando Luiz XVI Rei de França, corpo inteiro; copia; largura quatro palmos e um terço, altura seis e um quarto, moldura doirada . . . . . 14$400

39 Um dito, dito, representando uma menina brincando com um cãosinho, eschola de Rafael Mengs, largura qu tro palmos, altura dois e um oitavo . . . . . 30$000

40 Tres ditos, ditos mui ordinarios, representando as tres artes Pintura, Architectura, Escultura, largura quatro palmos, altura cinco e tres quartos, moldura doirada . . . 4$800

41 Um dito, dito, representando Fernando VII, largura quatro palmos e um oitavo, altura cinco e tres quartos, moldura doirada . . . . . 1$200

42 Vinte e oito estampas todas com o mesmo número, todas com molduras e vidros, representando vistas da Suissa . . . . . 7$200

Rs. . . 1:588$400

Transporte. . . 1:588$400

43 Quatro quadros bordados em seda antigo, molduras e vidros . . . . 9$600

33 Duas estampas a fumo, molduras e vidros, uma representando o Avarento de Rembrandt . . . . . 3$200

45 Uma dita com o mesmo número, representando um Lisongeiro Presente, estampa a fumo . . . . . 1$600

46 Duas ditas com igual número, uma de Vieira, e outra de Mr. Doucier. 3$200

47 Dois Meninos de marmore, copia d'escultura antiga, mangas de vidro, tendo os Meninos de altura dois palmos e meio. . . . . 60$000

48 Dois Vazos sobre o gosto Boruminesco com figuras de Jaspe, altura quatro palmos e meio, plintos de madeira pintados . . . . . 38$400

49 Um quadro em panno, representando paizagem com vista de Templo arruinado, por João Terni, largura um palmo e tres quartos, altura um e um terço, moldura doirada. . 4$800

50 Um quadro em panno, representando o antigo Campo de Vaccino em Roma, com grupos de Figuras e Gados, por Bambocci, largura seis palmos, altura quatro e um quarto, moldura doirada. . . . . 38$400

51 Um dito pintado em panno, representando Pastores e Gados, eschola de Salvador Roza, largura quatro palmos e sete oitavos, altura quatro ditos, moldura doirada . . . . 7$200

52 Um dito com o mesmo numero em panno, representando Ruinas de Roma, por um escholar de Francisco Pannini, largura dois palmos e tres quartos, altura tres e um terço, moldura doirada . . . . . 19$200

53 Um dito em panno, representando Ruinas de Roma, original de Pannini, largura quatro palmos e meio, altura tres e meio, moldura doirada. 14$400

54 Um quadro com frontespicio de Palacio em vulto, ornato de conchinhas e figuras, largura quatro palmos e um terço altura tres ditos e um terço. 14$400

55 Quatro ditos com o mesmo número, representando Cestinhos com flores e fructos, com conchas em alto relevo, com caixas e vidros, largura dois palmos e meio, altura dois ditos. 19$200

56 Tres ditos com o mesmo número, representando Passaros, alto relevo em seda, moldura e vidros. . . . 7$200

57 Um dito de Historia Natural, de diversas qualidades de Passaros embalsamados, com caixilhos de vidro. 14$400

58 Seis ditos com o mesmo número, representando Historia Sacra, copia de um escholar de Bassano, largu-

Rs. . . 2:043$600

Transporte . . . 2:043$600

ra um palmo e um quarto, altura um dito, molduras doiradas. . . . 28$800

59 Dois ditos com o mesmo numero, pintados em cobre, representando duas Batalhas de Bursardon, largura um palmo e tres quartos, altura um e um oitavo . . . . 14$400

60 Dois ditos, dito, representando Batalhas antigas, por Borgonhone, largura dois palmos e um oitavo, altura um e um quarto . . . . . 14$600

61 Um dito, representando O Despojo de um Batalha, por um discipulo de Borgonhone, largura dois palmos, altura um e um terço . . . . . 4$800

62 Um quadro em panno, representando N. S. com o Menino Jezus, copia de Julio Romano, fórma oval, largura 4 palmos, altura 5 e um terço. . 48$000

63 Um dito pintado em taboa, representando a Paciencia, corpo inteiro, por Pierino del Vago, discipulo de Rafael, largura quatro palmos e tres quartos, altura tres e tres quartos. 400$000

64 Um dito pintado em panno, representando a Formosa Judith depois de ter cortado a cabeça a Holofernes, figura colossal, pintado por Guido Reni, mas muito retocado, largura seis palmos e meio, altura nove e tres quartos, moldura doirada . . 250$000

65 Um dito, dito, representando Herodes com a cabeça do Baptista, meia figura natural, pintado por Polydoro de Caravagio, largura tres palmos e meio, altura quatro e tres quartos. 60$000

66 Um dito, dito oval, representando Nossa Senhora com o Menino dormindo, cópia antiga de Guido Reni, muito retocado, largura cinco palmos e tres quartos, altura quatro palmos. 40$000

67 Um dito, dito, representando o Martyrio de um Bispo, figuras ao natural da primeira maneira de Rubens, amaneirado, largura oito palmos e dois terços, altura treze e trez quartos: observa-se uma mulher em perfil com uma creança ao collo que parece ser o retrato da mulher do dito auctor. N. B. A surpreza do Sacerdote, a cabeça do Rei, e algumas outras figuras é onde *se remarca* a eschóla Flamenga . . . . . 500$000

68 Um dito, dito, representando S. Sebastião Martyr, cópia feita por Maximo Vicente, largura quatro palmos e um terço, altura nove palmos . . . 14$400

69 Um dito, dito, representando a Pregação do Arcebispo João Ribeiro Valencia prégando aos gentios, por Cades, largura oito palmos e dois terços, altura tres e tres quartos, moldura doirada . . . . . 120$000

Rs. . . 2.418$600

Transporte. . . 2:418$600

70 Um dito, representando o Martyrio de S. Pedro Apostolo, cópia de Hanibal Caracci feita por Polidoro de Caravagio, largura sete palmos e tres quartos, altura dez e meio, moldura doirada . . . . . 100$000

71 Um dito pintado em panno, representando o Baptismo de S. Hermenegildo, original de Guercino da Cento, largura oito palmos, altura dez e dois terços, moldura doirada . . . 480$000

72 Nove estampas com numero igual, molduras pretas e vidros, representando Paizagem . . . . . 4$800

73 Quatro ditas, dito, pintadas por Filippe Achakerit, pintor prussiano, molduras pretas e vidros . . . . 9$600

74 Um quadro em panno, representando Marinha com figurinhas, eschóla Flamenga, largura cinco palmos, altura quatro e um terço, moldura doirada. 4$800

75 Um dito, dito, representando Paiz rustico, eschóla de Salvador Roza, largura seis palmos, altura quatro e um quarto, moldura doirada . 9$600

77 Um dito pintado em panno, representando Jesu Christo quando diz ao Profano que deixe o commercio e o acompanhe, por M. Valentin, bastantemente retocado, largura dez palmos, altura sete e tres quartos, moldura doirada . . . . . 28$800

77 Um dito, dito, representando a Apparição do descimento da cruz a S. Francisco, figuras ao natural, original de Guercino de sua ultima maneira, que em parte das massas escuras estão muito sumidas, largura onze palmos e meio, altura oito, sem moldura . . . . . 500$000

78 Um dito, dito, representando Perspectiva de um Palacio, com figuras, original de Bambocci, largura cinco palmos e dois terços, altura quatro e um oitavo, moldura doirada. 19$200

79 Um dito, dito, representando Adão, Eva, Caim, e Abél, foi original do Palma, repintado mal, largura nove palmos, altura seis e meio, moldura doirada . . . . . 19$200

80 Um dito, dito, representando a Magdalena no Deserto, meia figura, que parece ter sido de um bello auctor, hoje muito mal retocado, largura quatro palmos e meio, altura cinco, moldura doirada . . . . 4$800

81 Um dito, dito, representando a Mulher Adultera appresentada a Jesu Christo, original da maneira larga de Ticiano, meia figura, largura sete palmos e um oitavo, altura qua-

Rs. . . 3:719$400

Transporte. . . 3:719$400

tro e meio, moldura doirada . . 250$000

82 Um dito em taboa, representando uma Bamboxata, cópia de David Teniers, largura palmo e meio, altura um e um quarto, moldura doirada. . 4$800

83 Um dito, dito, representando Paizagem, eschóla de Teniers, largura dois palmos e um oitavo, altura palmo e meio, moldura doirada . 4$800

84 Um dito pintado em panno, representando a Vista da Egreja de S. Francisco em Roma, eschóla Romana, largura dois palmos e um oitavo, altura um palmo e dois terços, moldura doirada . . . . . 9$600

85 Um dito em panno, representando paizagem, Abel e Caim luctando com as feras, por Palma, bastante repintado, largura dez palmos e um quarto, altura sete e tres quartos, moldura doirada . . . . . 28$800

86 Um dito em panno, representando Nossa Senhora com o Menino Jesus, e dois Anjos, uma cópia da parte superior de um quadro de Ticiano, que existe na Galeria Vaticana, largura oito palmos, altura seis, moldura doirada . . . . . 9$600

87 Duas estampas com o mesmo numero, com molduras doiradas e vidros, gravura de Perele, cópia de dois quadros de Claudio Lourinese, largura dois palmos e dois terços, e altura um palmo e sete oitavos. . 6$000

88 Uma dita, dito, representando Batalha de Boiene, largura tres palmos, altura dois palmos e um oitavo 2$400

89 Oito ditas, dito, dito, umas representando paizagem, entrando dois retratos de pintores, uma representando uma Ceres, de bom abridor. 7$200

90 Cinco ditas, dito, dito, molduras pretas, uma representando Conversação Hespanhola tirada de um painel de Vandik, e quatro diversas figuras, com vidros . . . . . 8$000

91 Seis estampas com o mesmo numero, molduras pretas e vidros, representando paisagens de Felippe Akactrit, largura dois palmos e um oitavo, altura um e meio . . . . 14$400

92 Uma dita, dita, dito, pelo abridor Vanker, tirada de um painel de Guercino, largura dois palmos e um oitavo, altura um e tres quartos . 2$400

93 Uma dita, dita, dito, representando o Recreio de duas Crianças com um cãosinho, largura dois palmos e um oitavo, altura um e meio . . . 1$200

94 Um quadro em panno, Garrafas, Copos e Flores, largura dois palmos, altura dois e um oitavo, moldura. 1$600

Rs. . . 4;070$200

Transporte. . . 4.070$200

95 Dois quadros com o mesmo numero em panno, representando um Chimico, e o outro *adresses* de cozinha, por auctor incognito, largura tres palmos, altura dois e meio, moldura doirada . . . . . 3$200

96 Um dito em panno, representando um Cópo com vinho, Cocumellos e Rabanetes, com uma faca metida em perspectiva, por Jorge Akactrit em 1664, largura dois palmos e dois terços, altura dois e um quarto, moldura doirada . . . . . 9$600

97 Dois ditos em panno, representando Fructeiros com diversos utensilios, por Pereda, largura seis palmos e dois terços, altura tres e um quarto, moldura doirada . . . . . 160$000

98 Um dito, dito, representando Venus no Toucador com diversos Paineis e objectos d'Artes, Joias, e outras preciosidades, por Brugel, aveludado, auctor classico, largura quatro palmos, altura dois e tres quartos, moldura doirada. . . . . 100$000

99 Dois ditos com numero igual, pintados em panno, um representando os Aquedutos da Agua livre, outro a entrada da Barra de Lisboa, por Pilment, largura quatro palmos, altura dois e tres quartos . . . . 40$000

100 Tres estampas com o mesmo numero, molduras pretas e vidros, representando paisagem de Claudio de Lorena, largura dois palmos e dois terços, altura dois palmos, e uma dita de Filippe d'Akactrit, representando paizagens, largura dois palmos e um quarto, altura palmo e meio, mais quatro estampas com o mesmo numero, representando Historia e Artes, avaliados todos oito em . . . . . 19$200

Rs. . . 4:402$200

(Concluir-se-ha.)

DESTRUIÇÃO DO GORGULHO.

362 Muitos agricultores esclarecidos teem tractado de uma importante questão, qual a de fazer afugentar das granjas e celleiros o gorgulho que tanto contribue para a damnificação dos cereaes.

M. Retif porém descubriu, que o canhamo, sendo a substancia que exhala cheiro mais forte quando a linhaça está quazi madura, é o melhor preservativo para este mal. Obtem-se isto espalhando pelo celleiro cinco ou seis punhados de canhamo, na occasião da sua colheita, e quando ainda linhaça está em espiga. Com este simples cuidado, que não depende de trabalho nem de despeza, tem elle observado que em alguns celleiros, onde, por espaço de 35 se tem usado deste meio, não apparece nem um só gorgulho.

NATAÇÃO.

(EXTRACTO DOS ANNAES MARITIMOS E COLONIAES DE FRANÇA.)

363 A necessidade das tropas de mar e terra saberem nadar fez com que um official de marinha franceza, M. Elzéard Ollivier, commandante da divisão das equipagens de linha em Toulon, imaginasse um meio, que permitte exercer ao mesmo tempo um grande numero de homens á natação.

Por este processo, em pratica em Toulon ha mais de tres annos, para cima de quatro mil homens teem aprendido a nadar, depois de terem recebido, termo medio, apenas nove licções de quarto de hora cada uma.

As licções de natação são dadas por meio de uma jangada de 40 metros de comprido e 4 e meio de largo. A jangada que se colloca em posição, onde a agua exceda a altura de um homem, é coberta por um toldo. Para facilitar as licções ha outra jangada mais pequena, que se fundêa em sitio onde se tome pé.

A jangada principal é guarnecida em roda de uma balustrada: e afim de se exercitar o maior numero de homens possivel, marcou-se para cada aprendiz um espaço de 2 metros e meio; espaço que se julgou indispensavel para se não embaraçarem uns aos outros.

Dos dois lados da jangada a balustrada é dividida em dezeseis partes, o que permitte exercitar-se por cada vez 32 homens.

Em cada um destes 32 pontos de divisão se colloca sobre a balustrada, e entre dois toletes, uma vara de tres metros de comprida e de grossura sufficiente. Estas varas são postas horisontalmente, e em sentido vertical em relação á balustrada.

Estas varas, que se chamam de natação, servem para sustentar os homens que aprendem a nadar.

Uma corda delgada, passando pela extremidade destas varas vae prender uma das pontas ao cinto do nadador, e a outra á balustrada, afim de que se por acaso vier a quebrar-se a vara, o nadador fique seguro.

Cada homem é ajudado por um de seus camaradas, posto em cima da jangada para fazer mover alternativamente a vara de um para outro lado. O nadador executa ao mesmo tempo os movimentos de pés e mãos, segundo o ensino, que lhe deve ter sido ministrado no quartel.

Para este fim, usam-se de bancos de madeira, cujas taboas superiores são cavadas de modo que possam servir para os homens, deitando-se sobre ellas, executarem os movimentos de braços e pernas, que devem praticar na agua, sob a vigilancia de um instructor.

Depois de algumas licções destas os homens podem-se lançar á agua; e acontece muitas vezes nadarem logo desde o primeiro momento.

Com o fim de assegurar aos nadadores uma completa segurança, deve sempre estar á mão a barca de salvação, na qual estejam praticos para accudirem a qualquer desastre.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XIX.

364 Poucos dias mais estarei na enfermaria. Se tivera dinheiro, poderia aqui ficar por muito tempo. — Em quanto durou o que nos deram pelas nossas terras, não me metteram na enxovia!

Trouxeram-me para a enfermaria, quando me julgaram doido, porque tiveram medo de mim; e agora, porque estava em tal estado, que não podiam deixar de me pensar as feridas.

Não tarda que me deem alta. Não lhe posso comprar o direito de estar doente; e por tanto irei, ainda fraco e mal convalecente, para aquella horrivel prisão!

Parece impossivel!

A enfermaria é uma das maiores pedras de escandalo d'este edificio, todo escandaloso. O roubo nem ao menos anda de mascara.

Os enfermeiros e mais empregados fazem o que querem. E ai! do que se queixar.

As gallinhas, que os doentes devem consumir, e que os facultativos receitam, commem-n'as, ou vendem-n'as, os que nos tratam.

Um pobre padre queixou-se, ha dias, ao medico, de que, em logar do caldo, que elle havia receitado, só lhe deram uma beberagem, que indistinctamente era ministrada a todos, sem excepção de doenças. Parece que o medico reprehendeu os que não executavam as suas ordens. — O pobre do padre pagou com a vida o caldo de gallinha, que lhe deram no outro dia. O exemplo aproveitou, e agora já ninguem se queixa.

Aqui só duas coisas são precisas para viver — dinheiro ou paciencia. — Nenhum doente se deita n'estas camas, sem que dê boa propina ao juiz da cadêa, a qual, como elle diz, tem de ser repartida com o carcereiro.

Basta o juiz da cadêa e o escrivão do processo, para empobrecerem um homem abastado.

Para o preso pôr um barrete na cabeça ha-de pagar ao juiz; para se deitar em cama tambem lhe ha-de pagar. O juiz é o vendedor unico e monopolisador do pão, do vinho, dos cigarros, e de tudo quanto o preso precisa. Faz a venda pelo preço que lhe parece. Quem não quizer trabalhar no serviço da limpeza da prisão, paga ao juiz e fica vendo esfalfar-se com trabalho o mais pobre, e ás vezes o mais doente de todos, que semanalmente não póde comprar, com seis ou oito vintens, o descanço de que tanto carece.

O juiz reduz o roubo a um verdadeiro systema. E alguns ainda fazem pouco para o alto preço porque compram o logar.

Como deixam viver os presos juntos, e confundidos, entendem que a policia das prisões deve

* Vem do n.º 19.

estar confiada aos facinorosos mais valentes. Mas para ser juiz, para ser auctoridade, não basta ser salteador affamado, é mister tambem, é indispensavel, que se deem 12 até 16 moedas ao carcereiro, para que este o nomêe, além das boas propinas, que lhe hão-de dar certas vezes no anno. Ora este dinheiro sahe da algibeira dos presos.

Ao principio, cuidei que as auctoridades ignoravam estes abusos; mas conheci depois que estava enganado. Sabem tudo, dizem que as suas reclamações não são attendidas, porque não ha dinheiro, nem tempo para tratar d'estas coisas!!!.....

A verdade manda Deus que se diga. Ao pé da simples narração de alguns dos muitos abusos, que n'esta casa se soffrem, devo deixar uma prova da minha admiração e sympathia, para o unico homem justo e de bom coração, que ouvi fallar desde que estou preso. É o Procurador Regio. Do nome só lhe sei, que se chama Netto e Vasconcellos. O Limoeiro era a coisa mais horrivel do mundo se não fosse elle.

Nas muitas visitas que faz á cadêa, vem ás vezes acompanhado por algumas pessoas com quem parece desabafar, do que soffre, por não poder alcançar a satisfação de todos os seus desejos. Oiço com avidez as suas palavras, e pêsa-me de o não poder ouvir mais tempo.

Na vespera da desordem, que para aqui me trouxe, tinha elle vindo visitar a minha prisão. Os presos formaram-se, como é costume, á voz do guarda, que annunciou a visita. Ainda vinha no meio da escada, ingreme e estreita, que conduz á enxovia, e logo o ouvi perguntar para o empregado que o acompanhava: «Então já cá está o juiz?!» Quando desceram, o empregado respondeu, com muita humildade — que era falso o que tinham dito do juiz, e que elle se havia justificado, por isso voltára para o logar.

O Procurador Regio só lhe respondeu, sorvendo uma pitada com muita pressa, como é seu costume: — «Está bom, está bom!» O que parecia significar — sei que me enganas, mas deixo-me enganar.

Vinha acompanhado por uma pessoa a quem andava mostrando a cadêa, a qual lhe perguntou algumas coisas ácerca deste facto.

Ouvi-lhe então censurar severamente o systema actual das prisões, os roubos dos escrivães, e muitos abusos da cadêa. Percebi que elle conhecia tudo, mas que não podia, só, levar ao cabo a reforma tam precisa e desejada. Assim mesmo, apezar de que póde pouco, tem feito muito, e os ladrões teem medo daquelle olhar scintilante, que parece uma seta, que vae ferir o crime no mais intimo da alma. Muitas vezes lhes tenho ouvido dizer, que Deus os livre de tal homem. Eu dezejava que houvessem muitos, como elle, e que os encarregassem de reformar tantos abusos, que vão por esse reino; e que os nomeassem deputados, pois que se todos fossem assim, já o meu patricio não diria, que não era occasião de fallar aos seus collegas nas injustiças, que meu pae lhe revelou.

A paciencia, que é só o que me resta, perco-a, quando, ao escrever, o pensamento me vae descobrindo este abysmo, que todos teem diante dos olhos, e que ninguem vê!..

E aos tormentos do corpo juntam-se os do coração!

O amor, a saudade e o desespêro augmentam ainda a indignação, que estas meditações me despertam na alma!

Atravez destas grades, aspiro, com o ar perfumado da primavera, essa dôr pungente, que a lembrança do passado me crava no coração!

Margarida!.. eu te vejo, eu te adoro no meio da scena magestosa, que a natureza me apresenta aos olhos, avidos de luz e da tua presença!

Pairas por sobre esse espelho immenso, que o Téjo fórma, e a minha imaginação te leva até ao cimo daquellas montanhas, que me recordam as serras da nossa terra!

Que tempo aquelle em que eu era livre e feliz!

Na alma de Margarida serena, como um dia formoso da primavera, eu hia surprehender os mais reconditos segredos de amor, escondidos pelos seus labios mas denunciados por aquelles olhos, que eram a luz da minha vida, das minhas esperanças e do meu futuro!

E não os hei-de vêr mais!

Ai! Deus meu! não me deixeis renegar a fé!

Quando, encostado áquellas grades, penso, como agora, em tudo isto: se a esperança de vêr Margarida se involvé em um crépe funebre, lanço as mãos ás grades e sinto-as tremer de encontro á fronte que se me abraza!..

(Continúa.)

DEUS.

Pleni sunt cœli et terra majestatis gloriæ.

265 Tu que reges, Senhor, altos destinos,
Que do cahos a terra alevantaste,
E deste brilho aos astros matutinos,
Que com um sopro teu o mar creaste,
Agregado de dotes perigrinos,
O homem, como Tu, tambem formaste.

E bondoso, Senhor, lhe facultaste
O ser eternamente venturoso,
Entre mil bens um pomo lhe vedaste;
Mas elle, sendo ingrato e cubiçoso,
Esquecido dos bens que lhe outhorgaste,
Quebrantou o preceito, desdenhoso.

Assim tornado filho do peccado,
O homem, por soberba desditoso,
Foi ás eternas penas condemnado;
Mas tu, Senhor, clemente e piedoso,
Quizeste, em creatura transformado,
Salvá-lo do inferno tormentoso.

Em pura e casta virgem, Tu, gerado,
Vindo d'Eterno Pae, d'Eterna luz,
Por mysterio d'amor tam sublimado,
Nasceste p'ra morrer, Christo-Jesus!
E do Sinai o rito consagrado,
Finda co'a nova lei, que hastêa a Cruz.

Para remir-nos humano ser tomaste:
Do throno eterno, dessa immensa gloria,
Da celeste mansão, Senhor, baixaste:
E teu sangue asselando, por memoria,
A morte, com que a vida libertaste
Aos teus de tal martirio na victoria.

Em gloria plena, em toda a redondesa,
Nos elevados céus entre fulgores,
Bem dita sejas, immortal Grandesa,
Que encheste o céu e terra de favores;
Glorifique o teu nome a naturesa,
Cante o celeste coro os teus louvores.

Aires Pinto de Souza.

A BIBLIA, VULGARMENTE CHAMADA DOS JERONIMOS.

366 Em principios do XIV seculo haviam a miniatura e a escripta chegado ao mais alto grau de perfeição.

As pennas de escrever principiaram a ter uso no VII seculo.

Entre as diversas qualidades de tinta que se emprega, a preta foi sempre a mais commum, e parece que a sua origem é mais antiga, era composta de preto de fumo, sebo, resina, pez, marfim queimado, e pó de carvão. Nos antigos manuscriptos encontra-se tambem tinta de côr vermelha mui viva e bella, que servia para as letras iniciaes, primeiras linhas e titulos de capitulos. É por isto que se chamavam estes titulos *rubricas*, e as pessoas que se dedicavam a escrevel-os *rubricadores*. A tinta azul encontra-se menos vezes nos antigos manuscriptos, e as tintas verde e amarella são mui raras. Tambem se empregavam letras de ouro, e de prata em alguns manuscriptos, que são raros e de muito valor, e só os Mosteiros e Conventos, e alguns Principes e Ricos-Senhores os podiam haver. As pessoas que escreviam os manuscriptos, entre os antigos, eram pela maior parte escravos ou libertos; em epochas mais remotas os Frades dedicaram-se a este trabalho, com especialidade os Monges de S. Bento, a quem as regras da sua Ordem lh'o incumbiam. Os correctores e rubricadores faziam depois as correcções e os ornatos aos manuscriptos sahidos das mãos dos copistas. As Biblias e Livros devotos eram, pela maior parte, ornados de illuminuras (pintura de luminação ou illuminação com agua de gomma, e côres apuradas sobre pergaminho, ou de luminação de lapis, com lapis, e chumbo sobre a dita materia), e arabescos finos e delicadissimos, em que brilhavam as côres mais engraçadas e tão vivas que o decurso de muitos seculos não tem podido apagar as que restam. Ainda hoje se conservam algumas poucas destas obras primorosas com a mesma viveza de colorido, como nos primeiros dias em que foram acabadas. Entre as obras deste genero temos em Portugal, além de outras a *Biblia* chamada vulgarmente dos Monges Jeronimos. Esta preciosissima Biblia, que pertenceu aos Monges da Ordem de S. Jeronimo do Mosteiro da invocação de N. Sr.ª de Belém, a qual Elrei o Sr. D. *Manoel* em seu testamento lhes havia feito doação, no anno de 1517, consta de sete tomos em folio, encadernados em marroquim encarnado, (e na sua primitiva eram em veludo carmesim), com guarnições e chapas de prata lavradas e douradas, com esmaltes (1), tendo no meio as Armas Reaes Portuguezas do tempo do Sr. D. *Manoel*, (o 5.° e 7.° tomo teem tambem as Armas da Rainha a Sr.ª D. *Izabel* Castelhana, primeira mulher d'Elrei, o Sr. D. *Manoel*.) São todos elles escriptos á penna em pergaminho (2) fino, onde se veem delicadissimas miniaturas, vinhetas e differentes arabescos com côres vivas e singulares em fundo de ouro, tendo nas margens diversas miniaturas, emblemas e allusões dirigidas a Elrei o Sr. D. *Manoel*, e á Rainha a Sr.ª D. *Izabel* sua primeira mulher; assim como tambem o retrato do celebre escriptor *Nicolau de Lyra* (3).

Foi o primeiro tomo escripto por *Sigismundo de Sigismundi*, Ferrariense, e acabado na cidade de Florença a 11 de dezembro de 1495: o 2.° ainda que no mesmo anno, foi escripturado por *Alexandre Versanus*: o 3.° accusa só o anno de 1496, e não o nome de quem o escripturou: os 4.°, 5.° e 6.° não teem declarações algumas; e o 7.° só declara o anno de 1497, em que foi acabado. *Antonio de Hollanda* excellente illuminador, e pae do celebre *Francisco de Hollanda*, illuminador e architecto portuguez, que floresceu no XVI seculo, foi quem illuminou os sete tomos desta Biblia: veja se o *Tratado da Pintura Antiga*, que o citado *Francisco de Hollanda*, escreveu, o qual publicou. *Le Comte A. Raczynski*, na sua obra — *Les Arts en Portugal* — pag. 55., Paris 1846.

Não foi esta Biblia, segundo erradamente e tradição geral, presente do Santo Padre *Leão X* a El rei o Sr. D. *Manuel*, em retribuição do que d'elle havia recebido pelo seu embaixador *Tristão da Cunha*, em 20 de março de 1514 (a respeito d'esta embaixada,

(1) O esmalte, pintura feita ao fogo, é invento attribuido aos francezes, e no XVI seculo é que o esmalte fez progressos.

(2) Os antigos serviam-se de papyros; que era a casca de uma arvore do Egypto, e depois de pelles de animaes, chamados Pergaminhos; porque se faziam na cidade de Pergamo.

(3) Assim chamado do logar do seu nascimento, pequena cidade da Normandia. Tomou o habito dos Religiosos Menores no anno de 1291: em Pariz, foi doutorado e explicou por muito tempo a Escriptura Santa no seu Convento. Suas Postillas, ou pequenos commentarios da Biblia, eram antigamente mui consultados. Morreu em Pariz a 23 de outubro de 1340, em idade avançada.

veja-se a Chronica do Sr. D. *Manuel*, parte 3.ª cap. 55, pag. 226, por *Damião de Goes)*; porque se o tivesse sido, de certo El rei teria declarado isto na verba do seu testamento; pois quem até nomea o ourives (*Gil Vicente*), que fizera a custodia, a cruz grande, assim como as guarnições e capa da Biblia, não se esqueceria de mencionar esta memoravel circumstancia, como um monumento, que trouxesse á lembrança a magnificencia daquella embaixada ao Pontifice *Leão X* de um monarcha portuguez, nos bons tempos de Lysia! No anno de 1807 *Junot*, coronel general dos huzares, governador de Paris e embaixador nesta corte de Portugal, logo que pôde se apoderou desta Biblia, dizendo aos monjes do mosteiro de Belem, ter sido incumbido, pelo seu imperador Napoleão, de lançar mão d'ella; e que por isso elle a levava. Naquella occasião foram inuteis todas as diligencias, que empregou o D. *Abbade* daquelle real mosteiro, como depositario d'ella, para lhe obstar; pois não o pôde conseguir; e quanto fez a este respeito, não teve resultado. (Na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros deve existir o que houve a este respeito). Por morte de *Junot*, intitulado Duque de Abrantes, e gran-cruz da ordem de Christo, foi encontrada no seu precioso espolio! Como já havia regressado a Paris *Luiz XVIII* e sendo informado d'este facto por uma fiel exposição do *Duque de Palmella*, e do commendador, *Francisco José Maria de Brito*, enviado extraordinario da corte de Portugal junto de Sua Magestade *Christianissima*, resgatou este magnifico manuscripto: (tambem muito concorreu, por suas boas e efficazes diligencias, *Timotheo Lecussan Verdier*), pela somma de 30 mil cruzados, dado aos herdeiros de *Junot*, que se tinha apossado d'elle, e o restituio a Portugal ao Sr. D. *João VI*, e logo que chegou Sua Magestade *Fidelissima* sa dignou mandar entrega-lo ao mesmo real mosteiro de Belem, ao qual El-rei o Sr. D. *Manuel* o havia doado, como já fica referido. Pela suppressão dos mosteiros, conventos etc., foi d'alli trazida em deposito para o Banco de Lisboa, e de lá para a Casa da Moeda, a fim de lhe serem tiradas as guarnições e as chapas (ainda mais preciosas pela mão de obra, que pela materia) (1) oh! lastima! oh progresso! Porém vendo-se que taes objectos eram de pouco valor, a mandaram para a Bibliotheca Publica, e depois foi para a casa chamada da coroa, na Torre do Tombo, onde se conserva. É digna de curiosa observação pelo seu merecimento artistico de pennejado e cromatica.

O Abbade Castro.

(1) Contra os alvarás de 20 de agosto de 1721, e de 4 de fevereiro de 1802.

NOTICIAS.

SEMANA SANTA.

367 As lugubres e pomposas solemnidades desta semana foram celebradas nas differentes Egrejas da Cidade com pompa e devoção.

Sentimos que o pulpito, com rarissimas excepções, não se levantasse radioso de gloria no meio dos templos cobertos de lucto, pela commemoração do mysterio supremo da Redempção.

A MORTE DA SR.ª DUQUEZA DE PALMELLA.

368 Tambem nós iremos depôr sobre o feretro da Sr.ª Duqueza de Palmella um ramo de triste cypreste, orvalhado pelas lagrimas de uma familia extremosa, e pelas lagrimas dos pobres de quem foi mãe.

A imprensa ostenta toda a magestade do seu sacerdocio, cubrindo-se de lucto ante a sepultura, que tem de encerrar os restos mortaes de quem deixou no mundo um valioso exemplar de virtudes, ou de saber, na recordação da sua vida.

Em taes casos é dolorosa a situação do escriptor publico, que se deve aproximar do tumulo, cercado de almas saudosas e gratas, para, entre prantos e gemidos, gravar na lapide uma palavra, que exprima todas esses sentidissimos queixumes, transformados pela religião no harmonioso cantico da fé e da esperança. A caridade é a unica palavra que ahi gravaremos. Esta virtude é a maior gloria do mundo. A vida da illustre finada foi um continuado culto a essa dadiva da Divindade.

Os andrajos do pobre, chorando sobre o seu tumulo, encobrem aos nossos olhos o escudo, que nos ensina, que ahi jaz uma vergontea d'essa nobre arvore, que tão prodigiosamente se engrandeceu á sombra do throno abençoado de El-Rei D. Manoel, nas mãos do mais heroico e ousado capitão, que tem devassado os mares! Apenas devisamos a corôa ducal que o remata, porque Deus parece tel-o cercado de uma aureola de luz celeste como se fôra um symbolo d'essa igualdade santa e unica, que pendeu da cruz do martyrio com o corpo de Jesu Christo. Só a caridade eguala os homens. Só essa virtude augusta faz surgir dos thesouros do rico o descanço e a felicidade dos pobres. Abençoadas as distinções da terra que a charidade transforma em exemplos salutares. Abençoados os thesouros que se juntam para se repartirem entre os que precisam!

A Exm.ª Sr.ª D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, Dama de S. M. e da Ordem de Santa Isabel, Duqueza de Palmella, nascida aos 4 de janeiro de 1797, segunda filha dos setimos Marquezes de Niza, casou a 4 de junho de 1810, e falleceu no dia 20 do corrente mez de abril ás 6 horas da tarde.

O nome que em o nosso numero anterior fi-

gurava entre as illustres fundadoras da *Associação Consoladora dos Afflictos*, horas depois já se lia no cathalogo infinito dos mortos.

Feliz da penna que, inspirando-se nas paginas do Evangelho, tenha de traçar o elogio funebre de tão santa alma, como um modelo perfeito, que devem imitar todos quantos desejarem agradar a Deus, deixando no mundo recordações saudosas e exemplares!

As paginas de tal elogio serão as consolações, que, alumiadas pela fé e pela esperança, venham do céu mitigar a dôr da saudade, ensinando-lhe, que não morre, quem, ao sumir-se no sepulchro, deixa na sua memoria uma licção que tão persuasivamente nos encaminha para a gloria eterna.

Apenas cumprimos o dever da nossa posição, escrevendo estas linhas, que ao pezar geral, que tinham de representar, juntam o sentimento de não podermos convertel-as na historia d'essa vida, que toda se resumiu na virtude, que lhe escrevemos sobre o tumulo.

THEATRO DE D. MARIA II.

A AFILHADA DO BARÃO *comedia em dois actos* PELO SR. MENDES LEAL JUNIOR.

369 O genero *comedia* tem sido entre nós tentado com feliz exito. Porém o maior numero destes trabalhos, ainda que alguns de grande merito dramatico e litterario, não tem tomado por norma o *genero alta-comedia*.

É neste genero que com muita facilidade se tem estreado ultimamente a ardente e poetica imaginação do *Sr. Mendes Leal Junior*. A sua comedia — *A Afilhada do Barão* — é mais uma linda perola que o profundo talento do joven poeta veio junctar á coroa de gloria, que elle com tanta justiça tem alcançado na sua tão brilhante carreira. O enredo é simples, singelo, engraçado, chistoso, e delicado — não offende, nem personaliza — não ataca, nem injuria. — Não é um *libello famozo* escripto e meditado de proposito para cuspir affrontas nas faces *risonhas e aveludadas* da sociedade actual — não é — porque se alli se apresentam alguns dos ridiculos destes tempos, se alli se pintam algumas das *mizeras crenças politicas* que hoje se apoderaram d'alguns animos, é esse, no nosso humilde entender, um dos grandes meritos, que ella tem — uma das maiores bellezas que encerra. — Uma composição d'aquelle genero, *contemporanea*, que se limitasse ao desenvolvimento d'um enredo ainda que bem combinado, sem pintar, por assim dizer, o crer, viver e sentir da actualidade, não diremos, que seria uma obra má, mas nunca poderia collocar-se a par d'outra, que juntasse á contextura delicada da obra, a pintura verdadeira dos nossos usos e costumes, do crer e sentir da geração presente.

As scenas estão perfeitamente bem combinadas, e o dialogo chistoso, delicado, singelo, e muito bem cortado.

Na nossa muito humilde opinião, apenas encontramos um defeito nesta excellente obra do *Sr. Mendes Leal Junior*.

Fallamos-lhe com franqueza, porque é essa a nossa divisa, e porque sabemos bem que elle não é nenhum desses *aristarchos gordos e emplumados*, que mui anchos da sua *superioridade improvisada* não admittem criticas nem censuras, que julgam ter avaliado todas as intelligencias, atirando aos mil echos da imprensa meia duzia de fofas dissertações, a que chamam um *drama*!

A esses cabe-lhes bem o dito de *Boileau*. — *La summe exactitude est le sublime des sots*.

Parece nos pois que algum tanto falta a baze em que o *Sr. Mendes Leal Junior* assentou a sua comedia, pelo que diz respeito ao segundo acto. Achamos inverosimil o engano tantas vezes repetido para com os *dois doutores* fingidos, engano em que não só labora o Barão, mas tambem a filha, vulgo afilhada, que se deve suppor uma rapariga esperta e espirituosa.

É verdade que aquelle engano dá logar a equivocos altamente comicos, e a scenas de grande effeito, mas que nem por isso destroem a inverosimilhança, que entendemos existir.

Admitida a baze da comedia, é esta n'aquelle genero, uma das obras mais bem escriptas que possuimos. É obra do illustre auctor dos *Dois Renegados*, *da Auzenda*, *do Homem da Mascara Negra*, *do Pagem de Aljubarrota*, *da Pobre das Ruinas*, *do Viriato*, *da Alva Estrella*, *de D. Maria d'Alencastro*, e de outras muitas preciosidades dramaticas e litterarias — e é dizer tudo!

Se accrescentarmos, como entendemos ser nosso dever, que esta comedia foi escripta e concebida no limitadissimo espaço de tres dias, teremos feito ao *Sr. Mendes Leal Junior* o nosso mais sincero elogio — ter-lhe-hemos pago o maior tributo de admiração e respeito, que temos sempre pelo verdadeiro genio.

O desempenho correu o melhor possivel. O *Sr. Theodorico*, na parte do *Barão Amaro Mendes*, houve-se como sempre, com aquelle zelo e intelligencia que todos lhe reconhecem. Os *Srs. Tasso* e *Aesis* comprehenderam perfeitamente os seus engraçados papeis — o *Sr. José Antonio* soube tirar grande partido do seu insignificante papel — e as *Sr.as Carolina Emilia*, e *Delfina* em nada desmereceram do conceito em que são tidas pelos sinceros amadores do theatro nacional.

Lisboa 10 de abril de 1848.

J. Carlos Massa.

PRAÇA DE LISBOA.

26 DE ABRIL.

370 Fundos publicos de 5 por cento tem-se realisado algumas transações por 48 a 49 por cento: de 4 por cento, 42 a 43. Acções do Banco de Portugal 390$000 a 395$000 réis. Acções sobre o fundo de amortização, 52 a 54 por cento. Titulos azues a 9 por cento. Titulos das 3 operações 25 por cento em metal. Bilhetes admissiveis na quarta parte dos direitos das alfandegas, 80 por cento em metal e na sexta parte 69 a 70 na mesma moeda. Os outros preços vão cotados em notas do Banco. Desconto de notas 54 por cento. São procuradas.

DUAS EGREJAS NOVAS.

371 Progridem com louvavel zelo as obras para a edificação da egreja de S. Julião e da egreja de S. Nicoláu.

Regozijamo-nos que a piedade dos fieis deixe nessas duas egrejas um monumento, de que os descendentes dos fundadores da Batalha, de Alcobaça e de Belem não se esqueceram, de que a Religião se propaga pelo culto.

Ambas as edificações são devidas aos sentimentos religiosos de muitos particulares. — As obras da egreja de S. Nicoláu foram até auxiliadas por um emprestimo avultado feito por alguns negociantes respeitaveis da nossa praça.

A irmandade, que dirige estas obras, teve a boa lembrança de encarregar o Sr. Fonseca, professor da Academia das Bellas Artes, da pintura do tecto.

O illustre artista aceitou o encargo, e seja dito em seu louvor, propoz condições tão favoraveis, que só na gloria de pintar em uma egreja da sua patria, ficará pago do trabalho, que tem tido.

É impossivel formar por em quanto um juizo seguro ácerca da obra do Sr. Fonseca, que já vae adiantada, pois que só a podemos examinar de perto, sobre os andaimes, isto é, fóra do ponto de vista para que deve ser feita.

O pensamento de cada um dos quadros de que se compõe o tecto pareceu-nos que estava bem desinvolvido.

Agradaram-nos as virtudes, que no primeiro cercam o Sacramento. Os outros tres quadros representam tres periodos da vida de S. Nicoláu.

A mocidade em que já guia um rebanho para o santo aprisco; a edade madura em que a sua missão se estendia á conversão dos incredulos, e a sua morte, que lhe abre as portas da bemaventurança eterna. Depois de terminado é provavel, que em todos se admire o collorido de um pincel amestrado nas copias de Rafael e Dominiquino. Os evangelistas e doutores da egreja, que cercam os quadros, estavam apenas esboçados, quando vimos a obra.

Estimamos, que o Sr. Fonceca tenha esta occasião de deixar o seu nome escripto em uma dessas grandes paginas da arte, que os artistas tanto ambicionam possuir.

Esperamos que as pessoas, que dirigem as obras da egreja de S. Julião, andem neste ponto tam acertadamente como a irmandade da egreja de S. Nicolau, a qual, juntamente com o reverendo parocho, merece os maiores louvores, bem como os auxilios de todas as pessoas, que possam concorrer para que se termine mais um templo para a Religião de nossos antepassados.

Fazemos votos porque ambos os templos se possam abrir brevemente, para prova de que ainda entre nós existe a fé.

ASYLO DA PRIMEIRA INFANCIA NO PORTO.

372 Temos a maior satisfação em noticiar, que por toda a parte, em a nossa terra, se observa que as almas, verdadeiramente inspiradas das senhoras, tomam parte nos mais tocantes actos de charidade.

No Porto, como em Lisboa, as senhoras protegem a infancia, e constituem o maior numero dos protectores do Asylo.

Em verdade, só quem póde ser mãe comprehenderá todos os mysterios da inefavel graça Divina, que a protecção da infancia póde derramar sobre o coração.

A 10 do corrente houve no Porto, na casa do Asylo da infancia, a reunião annual dos protectores de tam caridoso estabelecimento.

Presidiu o Sr. Conde de Terena D. José, porque o mui digno Bispo da Diocese não póde comparecer em consequencia de legitimo impedimento causado por falta de saude.

Appresentaram-se as contas relativas aos dois ultimos annos administrativos.

Em seguida entregaram-se os premios aos seis alumnos que os haviam merecido.

Foram os momentos mais solemnes da reunião. — Cartas que temos presentes affirmam que houve olhos que se encheram de lagrimas, vendo a commoção dos rostos innocentes que se mostravam succumbidos na presença de tanta ventura.

¿Quem sabe se alguns delles no decurso da vida não terão a representar senão o infortunio?

Abençoada a mão que na imagem do desvalido traça o vestigio fugitivo, de que a Providencia Divina está velando sobre o mundo!

As senhoras protectoras elegeram para a commissão administrativa as Exm.as Sr.as Condessa de Rezende, D. Emma Smith e D. Maria Ermelinda Woodhouse: e para substitutas as Exm.as Sr.as D. Maria do Carmo Lopo, D. Leonor de Pinho Archer, e D. Clara Maria de Carvalho: para a commissão coadjuvadora: — Presidente o Exm.° e Revm.° Bispo da Diocese; Vice-Presidente o Sr. Conde de Terena, D. José; 1.° Secretario, o Sr. A. J. Dias Guimarães; 2.° Secretario, A. B. de Brito e Cunha; e Thesoureiro o Sr. Barão de Massarellos.

Procedeu-se á venda de mui lindas e variadas offertas feitas para esse fim por algumas das Illustres Protectoras.

As Exm.as Sr.as Marqueza de Fronteira, Viscondessa de Fonte Nova e D. Luiza Van-Zeller tiveram a mui louvavel lembrança de mandarem de Lisboa provas apreciadissimas de que desejavam tomar parte em tam meritoria obra. A Sociedade ficou em extremo penhorada com as suas offertas. Entre os objectos era muito para vêr um tapete bordado, e offerecido pela Exm.a Sr.a D. Maria Francisca, filha da Exm.a Sr.a Condessa de Terena.

Concorreram á feira destes objectos perto de setenta senhoras e muitos homens.

Eis o resumo de uma dessas festas sobre as quaes a Cruz, em que expirou o Justo, lança um raio de luz divina que eternamente a mostrará aos vindoiros.

O FILHO DO DIABO.

373 Assistimos á primeira representação deste Drama que em Pariz causou muito enthusiasmo. Foi bem recebido pelo nosso publico, que varias vezes interrompeu a representação com applausos que foram bem merecidos. Não julgamos prudente antecipar a opinião que enthusiasmou ácerca desta celebre composição. Folgamos que a nossa épocha theatral comece deste modo.